

## LUGARES OSCUROS

GILLIAN FLYNN

# LUGARES ESCUROS

Tradução de  
TÂNIA GANHO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*Para o meu elegante e arrojado marido,  
Brett Nolan*

O clã dos Day podia ter vivido para sempre  
Mas Ben Day não regulava bem da mente  
De Satanás cobiçava o negro poder  
Por isso matou a família com todo o prazer

A pequena Michelle de noite ele estrangulou  
A seguir foi Debby que ele esquartejou  
A mãe Patty para o fim ele guardou  
Com um tiro de caçadeira a cabeça ele lhe rebentou

Da chacina a bebé Libby escapou  
Mas para o resto da vida com sequelas ficou.

— Cantilena entoada no recreio das escolas  
por volta de 1985

# LIBBY DAY

TEMPO PRESENTE

Tenho uma ruindade dentro de mim, palpável como um órgão. Cortem-me a barriga e provavelmente ela escorrega cá para fora, escura e carnuda, e cai no chão e alguém a pisa. É o sangue dos Day. Tem qualquer coisa de errado. Nunca fui uma menina boazinha e, depois dos crimes, piorei. A orfãzinha Libby cresceu mal-humorada e mole, arrastada de casa em casa — entregue a um grupo de familiares afastados, primos em segundo grau e tias-avós e amigos de amigos —, enfiada numa série de rulotes e quintas decrepitas espalhadas de uma ponta à outra do Kansas. Eu ia para a escola vestida com a roupa que herdei da minha irmã morta: camisas com as costuras amareladas debaixo dos braços, calças com os fundilhos demasiado largos, comicamente penduradas da cintura, presas com um cinto andrajoso repuxado até ao último buraco. Nas fotografias de turma, apareço sempre com o cabelo em desalinho — ganchos a escorregarem pelas madeixas abaixo, como se fossem objetos voadores apanhados no cabelo emaranhado — e uns grandes papos por baixo de olhos de alcoólica. E talvez um ricto rancoroso nos lábios, no sítio onde devia estar um sorriso. Talvez.

Nunca fui uma criança adorável e transformei-me num adulto detestável. Se fizessem um desenho da minha alma, seria um rabisco com presas de animal.

Estávamos em março, um mês deprimente e torrencial, e deitei-me na cama a pensar em matar-me, um dos meus passatempos prediletos. Um devaneio diurno autocomplacente: uma caçadeira na boca, um disparo e a cabeça a ser impelida para trás, uma, duas vezes, sangue na parede. Esguichos, salpicos. «Ela queria ser enterrada ou cremada?», perguntariam as pessoas. «Quem é que deveria vir ao funeral?» E ninguém saberia dizer. As pessoas, fossem elas quem fossem, limitar-se-iam a olhar para os sapatos ou para os ombros umas das outras até o silêncio se instalar e, depois, alguém poria o café ao lume, apressadamente e com considerável estrépito. O café condiz muito bem com mortes súbitas.

Libertei um pé dos lençóis, mas não consegui levá-lo ao chão. Acho que estou deprimida. Acho que estou deprimida há cerca de vinte e quatro anos. Sinto que existe uma versão melhor de mim algures dentro do corpo — escondida por detrás de um fígado ou agarrada a um pedaço de baço, no interior do meu corpo atrofiado de criança —, uma Libby que me está a dizer para me levantar, fazer alguma coisa, crescer, andar com a vida para a frente. Mas, geralmente, a ruindade é que ganha. O meu irmão chacinou a minha família quando eu tinha sete anos. A minha mãe e duas irmãs, assassinadas: tiro, machadada, estrangulamento. Depois disso, não precisei de fazer nada, ninguém esperava que eu fizesse fosse o que fosse.

Herdei 321 374 dólares quando fiz dezoito anos, provenientes de todas aquelas pessoas bem-intencionadas que tinham lido a minha triste história, benfeitores *que me desejavam o melhor, do fundo do coração*. Sempre que ouço essa expressão, e ouço-a com frequência, imagino desenhos de corações sumarentos, com asinhas e tudo, a esvoaçarem em direção a um dos muitos lares de merda da minha infância, e eu, miúda, à janela, a acenar e a apanhar cada coração colorido, dinheiro verde a chover sobre mim, *obrigada, mil vezes obrigada!* Quando era pequena, os donativos foram colocados numa conta bancária de gestão conservadora, que, na época, sofria um acréscimo a cada três ou quatro anos, sempre que alguma revista ou estação de rádio se lembrava de mim. Um Novo Dia para a Pequena Libby: A Única Sobrevivente do Massacre na Pradaria Faz uns Amargos 10 Anos. (Eu, de puxinhos mal-amanhados, no relvado cheio de urina de gambá a porta da

rolote da minha tia Diane. As canelas grossas como troncos da tia Diane, expostas por baixo de uma saia curta, fincadas na relva amarela atrás de mim.) Os 16 Anos da Corajosa Menina Day! (Eu, ainda minúscula, com o rosto iluminado pelas velas de aniversário e uma camisa demasiado apertada no peito, que nesse ano tinha dado um salto para uma copa D, umas mamas caricaturais para uma estrutura tão pequena como a minha, ridículas, obscenas.)

Vivi desse dinheiro durante mais de treze anos, mas já se foi quase todo. Tinha uma reunião nessa tarde para determinar ao certo como é que o tinha gastado. Uma vez por ano, o indivíduo que geria o dinheiro, um bancário impassível e de faces rosadas, chamado Jim Jeffreys, fazia questão de me levar a almoçar, para fazermos um «exame de rotina», como ele lhe chamava. Comíamos qualquer coisa na gama dos vinte dólares e falávamos sobre a minha vida; no fim de contas, ele conhecia-me desde que eu tinha treze anos, hehe. Quanto a mim, não sabia quase nada sobre Jim Jeffreys, e também nunca fiz perguntas, encarando as reuniões sempre da mesma perspetiva de miúda: sê educada, mas apenas o suficiente, e despacha o assunto. Respostas monossilábicas, suspiros cansados. (A única coisa de que eu desconfiava sobre Jim Jeffreys era que devia ser cristão praticante; tinha a paciência e o otimismo de uma pessoa que achava que Jesus via tudo.) A próxima reunião deveria ser só daí a oito ou nove meses, mas Jim Jeffreys mostrara-se insistente, deixando-me mensagens no telefone numa voz séria e abafada, a dizer que fizera os possíveis para prolongar «a vida do fundo», mas estava na hora de pensar «nos próximos passos».

E a minha ruindade veio novamente ao de cima: lembrei-me de imediato da outra menina dos tabloides, uma Jamie qualquer coisa, que perdeu a família no mesmo ano que eu: 1985. Ela ficou com uma parte do rosto queimada num incêndio que o pai ateou e que matou todos os membros da família. Sempre que utilizo o Multibanco, lembro-me dessa Jamie e de como eu teria o dobro do dinheiro se ela não me tivesse roubado as luzes da ribalta. Essa Jamie não-sei-das-quantas estava algures, num centro comercial qualquer, com o meu dinheiro, a comprar malas caras e joias e maquilhagem aveludada e fina para espalhar no rosto reluzente, marcado por cicatrizes. O que

era um pensamento horrível, como é óbvio. Mas pelo menos eu tinha noção disso.

Finalmente, finalmente, finalmente, arranquei-me da cama com um gemido teatral e dirigi-me para a parte da frente da casa. Vivo numa casinha de tijolos alugada, construída numa espiral de outras casinhas de tijolos, todas elas instaladas numa enorme colina íngreme com vista sobre os antigos currais de Kansas City. Kansas City do lado do Missouri e não Kansas City do lado do Kansas. O que não é a mesma coisa.

O meu bairro nem sequer tem nome, de tal maneira foi votado ao esquecimento. Chama-se No Meio de Nenhures. Uma zona estranha, de classe baixa, cheia de becos sem saída e merda de cão. As outras casas estão apinhadas de velhos que aqui vivem desde que elas foram construídas. Os velhos passam o dia sentados à janela, por detrás das telas de rede, cinzentos e moles como pudins, a espreitarem a vizinhança a toda a hora. Às vezes, deslocam-se até aos respetivos carros em cuidadosos bicos de pés idosos que me fazem sentir culpada, como se devesse ir ajudá-los. Mas eles não gostariam disso. Não são velhinhos simpáticos; são velhos calados e irritados com a vida, que não apreciam o facto de eu ser vizinha deles, de terem uma pessoa *nova* na vizinhança. O bairro inteiro emana a desaprovação deles. Portanto, há o ruído do desprezo deles e há o cão fulvo e escanzelado, duas portas abaixo, que ladra todo o dia e uiva toda a noite, aquele tipo de ruído de fundo constante que uma pessoa só percebe que está a dar com ela em doida quando para, por uns abençoados instantes, e depois recomeça. O único som alegre do bairro que geralmente me embala o sono é o arrullhar matinal das crianças. Um magote de crianças pequeninas, de rostos rechonchudos e enchouraçadas, que vão a pé para um infantário qualquer escondido nas profundezas do ninho de ratos que são estas ruas atrás de mim, todas elas agarradas a uma longa corda puxada por um adulto. Todos os dias de manhã, marcham como pinguins diante da minha casa, mas nunca, nem uma só vez, as vi regressar. Às tantas, percorrem o mundo inteiro e só regressam a tempo de passar novamente diante da minha janela, de manhã. Seja qual for a história por detrás deste mistério, afeiçoei-me a elas. São três meninas e um menino, todos com uma predileção por



casacos vermelho-vivo. E quando não os vejo, quando durmo para lá da hora, fico triste. Ou mais triste. É a palavra que a minha mãe usaria, em vez de uma coisa dramática como *deprimida*. Há vinte a quatro anos que ando triste.

Visto uma blusa e uma saia para a reunião, sentindo-me minorca; as minhas roupas de adulta, de menina crescida, nunca me assentam bem. Mal chego ao metro e meio de altura, tenho um metro e quarenta e sete, para ser mais precisa, mas costumo arredondar — prendam-me. Tenho trinta e um anos, no entanto as pessoas tendem a falar comigo em vozes cantaroladas, como se me quisessem dar tintas para eu fazer pinturas com os dedos.

Desci a minha encosta cheia de ervas daninhas, o que fez o cão fulvo dos vizinhos lançar-se num dos seus ataques frenéticos de latidos. No passeio junto do meu carro estão os esqueletos esmagados de dois passarinhos bebés e os bicos e as asas amassados dão-lhes um aspeto reptiliano. Faz um ano que aqui estão. Não resisto a olhar para eles sempre que entro no carro. Precisamos de uma boa inundação para os levar na correnteza.

Duas velhinhas estavam a conversar nos degraus da entrada de uma casa do outro lado da rua e senti a recusa delas em olharem para mim. Não conheço ninguém pelo nome. Se uma destas mulheres morresse, eu nem sequer poderia dizer: «Coitada da senhora Zalinsky, morreu.» Teria de dizer: «A cabra da velha da casa em frente esticou o pernil.»

Sentindo-me uma criança-fantasma, meti-me no meu carro anónimo, de tamanho médio, que parece ser feito maioritariamente de plástico. Estou sempre à espera que alguém do stande apareça para me dizer o óbvio: «Era uma piada. Essa coisa não anda. Foi uma brincadeira nossa.» Conduzi numa espécie de transe o meu carro a fingir até à baixa — um trajeto de dez minutos —, para ir ao encontro de Jim Jeffreys, e entrei no parque de estacionamento vinte minutos depois da hora marcada, sabendo que ele sorriria, todo simpático, e não diria nada sobre o meu atraso.

O combinado era eu ligar-lhe do telemóvel quando chegasse, para que ele viesse cá fora buscar-me. O restaurante — um ótimo KC

da velha guarda — está rodeado de edifícios esventrados que o inquietam, como se um bando de violadores estivesse permanentemente à coca no interior das suas carcaças vazias, à espera da minha chegada. Jim Jeffreys recusa-se a ser O Homem que Deixou que Acontecesse Alguma Coisa de Mal a Libby Day. Nada de mal pode acontecer à CORAJOSA BEBÉ DAY, A MENINA PERDIDA, a trágica menina ruiva de sete anos com uns grandes olhos azuis, a única sobrevivente do MASSACRE DA PRADARIA, da CARNIFICINA NO KANSAS, do SACRIFÍCIO SATÂNICO NA QUINTA. A minha mãe e as minhas duas irmãs mais velhas chacinadas pelo Ben. Fui a única que escapou e acusei-o de ser o assassino. Fui a coisinha fofa que levou à justiça o irmão adorador do diabo. Fui notícia em toda a imprensa. O *Enquirer* publicou a minha fotografia chorosa, na primeira página, com a parangona ROSTO DE ANJO.

Espreitei para o espelho retrovisor e consegui ver o meu rosto de quando era bebé. As sardas esbateram-se, os dentes foram endireitados, mas o nariz continuava ligeiramente achatado e arrebicado na ponta e os olhos muito redondos como os de um gato. Eu tinha pintado o cabelo de um louro quase branco, mas já se viam as raízes ruivas. Parecia que tinha o escalpe a sangrar, sobretudo à luz do final do dia. O efeito era macabro. Acendi um cigarro. Passava meses sem fumar e de repente lembrava-me: preciso de um cigarro. Sou assim, nada dura muito comigo.

— Vamos, Bebé Day — disse em voz alta. É assim que chamo a mim própria quando me sinto odiosa.

Saí do carro e fumei até à porta do restaurante, segurando no cigarro com a mão direita para não ter de olhar para a esquerda, a mutilada. Era quase noite: nuvens nómadas flutuavam de uma ponta à outra do céu, como manadas de búfalos, e o sol estava suficientemente baixo para pintar tudo de rosa. Na direção do rio, por entre as espirais dos viadutos da autoestrada, erguiam-se as torres obsoletas dos silos, vazias, negras como o crepúsculo e inúteis.

Atravessei o parque de estacionamento sozinha, por cima de uma constelação de vidros partidos. Não fui atacada. No fim de contas, passava pouco das cinco da tarde. Jim Jeffreys jantava cedíssimo e orgulhava-se disso.

Ele estava sentado no bar, quando entrei, a bebericar um refrigerante, e a primeira coisa que fez foi, como eu já sabia, tirar o telemóvel do bolso do casaco e olhar para ele como se o tivesse traído.

— Ligaste? — perguntou, de sobrolho franzido.

— Não, esqueci-me — menti.

Ele sorriu.

— Bom, enfim. Enfim, fico contente por te ver, querida. Podemos ir diretos ao assunto?

Pôs dois dólares em cima do balcão e conduziu-me para uma mesa com assentos de couro vermelho e bocados de estofado amarelo a saírem pelas brechas. Os sítios onde o couro estava rasgado arranharam-me a parte de trás das pernas, quando me sentei, e os estofos soltaram um fedor a tabaco.

Jim Jeffreys nunca bebia álcool à minha frente e nunca me perguntava se eu queria uma bebida, mas, quando o empregado veio à mesa, pedi um copo de vinho tinto e vi-o esforçar-se por conter a surpresa, ou a desilusão, ou qualquer outro sentimento que não fosse típico do seu comportamento. *Que tipo de tinto?*, perguntou o empregado, e eu não fazia ideia. Nunca me lembrava de marcas de tintos ou brancos, nem de qual a parte do nome do vinho que se devia dizer, por isso respondi simplesmente: *Da casa*. Ele pediu um bife, eu pedi uma batata assada recheada e, depois, o empregado afastou-se e Jim Jeffreys soltou um longo suspiro de dentista pesaroso e disse:

— Bem, Libby, estamos a entrar numa fase nova, completamente diferente.

— Quanto é que resta? — perguntei, pensando *dizdez mildizdez mil*.

— Mas tu *lês* os relatórios que eu te envio?

— Às vezes — menti outra vez. Eu gostava de receber correspondência, mas não de a ler; os relatórios deviam estar numa pilha qualquer, algures em minha casa.

— E *oviste* as minhas mensagens?

— Acho que o seu telemóvel está estragado. Ouve-se tudo entrecortado. — Eu só tinha ouvido o suficiente das mensagens para perceber que estava em sarilhos. Geralmente, deixava de prestar atenção depois da primeira frase de Jim Jeffreys, que começava sempre: *Fala o teu amigo Jim Jeffreys, Libby...*

Jim Jeffreys uniu as pontas dos dedos esticados e espetou o lábio inferior para fora.

— Restam 982 dólares e 12 cêntimos no fundo. Como já disse antes, se tivesses feito reforços regulares, teríamos conseguido manter as coisas sob controlo, mas... — abriu as mãos e crispou o rosto — ... infelizmente, não foi isso que aconteceu.

— Então e o livro, o livro não...?

— Lamento, Libby, mas não. Todos os anos te digo a mesma coisa. Não tens culpa, mas o livro... não. Nada.

Há anos, para tirar proveito do meu vigésimo quinto aniversário, um editor de livros de autoajuda convidou-me para escrever sobre a maneira como superei «os fantasmas do meu passado». Eu não tinha superado nada, mas aceitei a encomenda e falei por telefone com uma mulher de Nova Jérсия, que se encarregou da escrita em si. O livro saiu no Natal de 2002, com uma fotografia minha na capa com um penteado infeliz, de cabelo desgrenhado. Chamava-se *Vida Nova! Não se Limite a Sobreviver a um Trauma de Infância: Supere-o!* e incluía umas quantas fotografias da minha infância e da minha família morta, encaixadas no meio de duzentas páginas de conversa da treta sobre pensamento positivo. Pagaram-me oito mil dólares e um punhado de grupos de sobreviventes convidou-me para participar numa tertúlia. Apanhei um avião para Toledo, para um encontro com homens que tinham ficado órfãos quando eram pequenos; para Tulsa, para um encontro especial de adolescentes cujas mães tinham sido assassinadas pelos maridos. Autografei livros para miúdos ofegantes, que me fizeram perguntas duras e inesperadas, como, por exemplo, se a minha mãe fazia tartes. Autografei livros para homens grisalhos e carentes, que me fitavam por detrás de óculos bifocais, com um hálito explosivo a café queimado e bñlis. «Comece um novo dia!», escrevia eu, ou «Tem um novo dia pela frente!». Era uma sorte ter um apelido que dava para fazer trocadilhos. As pessoas que me vinham ver tinham sempre um ar exausto e desesperado, e rodeavam-me, inseguras, em grupos esparsos. Os grupos eram sempre pequenos. Quando percebi que ninguém me pagava para fazer aquilo, recusei-me a ir onde quer que fosse. De qualquer forma, o livro já tinha entrado em declínio.

— Continuo a achar que o livro devia ter vendido mais — murmurei. Eu queria mesmo que o livro vendesse muito bem, desejava-o de uma maneira obsessiva e infantil: aquela sensação de que, se desejasse uma coisa com muita força, ela tinha obrigação de acontecer. Tinha obrigação.

— Eu sei — concordou Jim Jeffreys, tendo esgotado o assunto passados seis anos. Observou-me, enquanto eu bebia o meu copo de vinho em silêncio. — Mas de certa maneira, Libby, esta situação coloca-te perante uma nova fase da tua vida que pode ser muito interessante. O que é que queres ser quando fores grande?

Percebi que a intenção dele era ser simpático, mas suscitou em mim um ataque de raiva. Eu não queria ser nada, era precisamente essa a porra da questão.

— Não sobrou nada?

Jim Jeffreys abanou a cabeça, pesaroso, e começou a pôr sal no bife que acabara de vir para a mesa numa poça de sangue vivo como mercurocromo.

— E que tal novos donativos? Aproxima-se o vigésimo quinto aniversário do massacre. — Senti mais uma onda de raiva por ele me levar a dizer isto em voz alta. Ben começou a sua chacina por volta das duas da manhã do dia 3 de janeiro de 1985. A data e hora do massacre da minha família, e ali estava eu a desejar que chegasse o dia. Quem é que dizia coisas daquelas? Porque é que não sobravam sequer cinco mil dólares?

Ele abanou novamente a cabeça.

— Não sobrou nada, Libby. Já tens, o quê, trinta anos? És uma mulher. As pessoas deixaram essa história para trás. Querem ajudar outras meninas pequenas e não...

— E não eu.

— Infelizmente, não.

— As pessoas deixaram essa história para trás? A sério? — Senti uma pontada de abandono, como acontecia sempre em miúda, quando uma tia ou uma prima me deixava em casa de outra tia ou de outra prima: *Para mim, chega, agora fica tu com ela durante uns tempos*. E a nova tia ou prima era muito simpática durante cerca de uma semana, esforçava-se muito para lidar com a minha personalidadezinha amarga,

e depois... verdade seja dita, geralmente a culpa era minha. Era mesmo, não estou aqui com paleio de vítima. Borrifei a sala de uma prima com laca do cabelo e peguei-lhe fogo. A minha tia Diane, a minha tutora, irmã da minha mãe, a minha amada, acolheu-me — e mandou-me embora — meia dúzia de vezes até finalmente me pôr fora de casa de vez. Fiz coisas terríveis à coitada da mulher.

— Infelizmente, há sempre um novo assassinio, Libby — comentou Jim Jeffreys, numa voz monocórdica. — As pessoas têm a memória curta. Vê só como anda tudo em polvorosa por causa de Lisette Stephens.

Lisette Stephens era uma bonita morena de vinte e cinco anos que desapareceu no caminho para casa, depois de um jantar em família no dia de Ação de Graças. Toda a Kansas City se empenhou nas buscas, era impossível ligar a televisão nas notícias e não ver a fotografia dela a sorrir no ecrã. No início de fevereiro, já a história alastrara pelo país inteiro. Durante um mês, não aconteceu nada. Lisette Stephens estava morta e, por essa altura, toda a gente sabia isso, mas ninguém queria ser o primeiro a abandonar o barco.

— Mas — continuou Jim Jeffreys — acho que toda a gente gostaria de saber que estás bem.

— Espetacular.

— E que tal tirares um curso universitário? — sugeriu, mastigando um pedaço de carne.

— Não.

— E se te arranássemos emprego num escritório, a arquivar documentos e coisas desse género?

— Não. — Encolhi-me, ignorando o prato, taciturna. Essa era outra das palavras que a minha mãe usava: *taciturno*. Significava estar triste de uma maneira que irritava as outras pessoas. Estar triste de uma maneira agressiva.

— Bom, porque é que não tiras uma semana e pensas no assunto? — Ele estava a devorar o bife, o garfo subia e descia em movimentos rápidos. Jim Jeffreys estava desejoso de se ir embora. Jim Jeffreys não tinha mais nada para fazer ali.

Deixou-me com três cartas e um sorriso que pretendia ser otimista. Três cartas, todas com ar de correspondência indesejada. Jim Jeffreys costumava entregar-me caixas de sapatos a abarrotar de correspondência, na sua maioria cartas com cheques no interior. Eu punha o cheque no nome dele e, depois, o doador recebia uma carta-tipo escrita na minha letra de imprensa. «Obrigada pelo seu donativo. São pessoas como o senhor que me permitem encarar o futuro com esperança. Os meus mais sinceros cumprimentos, Libby Day.» Escrevia mesmo «cumprimentos», um erro que Jim Jeffreys pensava que as pessoas achariam comovente.

Mas as caixas de sapatos com donativos tinham acabado e a única coisa que me sobrava eram três míseras cartas e o resto da noite para ocupar. Voltei para casa, com vários carros a fazerem-me sinais de luzes até eu perceber que me tinha esquecido de acender os faróis. A linha do horizonte de Kansas City brilhava a leste, uma extensão modesta e mal semeada de edifícios medianos, com algumas torres de rádio espetadas aqui e ali. Tentei imaginar coisas que poderia fazer para ganhar dinheiro. Coisas que os adultos faziam. Imaginei-me de farda de enfermeira a segurar num termómetro; depois, de farda azul justa de polícia a ajudar uma criança a atravessar a estrada; a seguir, com uma fiada de pérolas e um avental florido a preparar o jantar para o meu maridinho. *Tens a cabeça mesmo lixada*, pensei. *A tua noção do que é um adulto continua a ser a dos livros de histórias*. E, enquanto pensava nisto, vi-me a mim própria a escrever o abecedário num quadro à frente de miúdos do primeiro ano com olhos interessados.

Tentei pensar em empregos realistas: qualquer coisa relacionada com computadores. Inserir informações numa base de dados, isso não era um emprego? Serviço de apoio ao cliente? Uma vez, vi um filme em que uma mulher passeava cães para ganhar a vida, vestida com um macacão e uma camisola de malha e sempre com ramos de flores na mão, os cães babosos e afeiçoados a ela. Mas eu não gostava de cães, tinha medo deles. Por fim, lembrei-me de trabalhar numa quinta, claro. A minha família trabalhava na agricultura há cem anos e a minha mãe seguira a tradição, até Ben a matar. Nessa altura, a quinta foi vendida.

Seja como for, eu não entendia nada de agricultura. Tenho algumas recordações da quinta: Ben a brincar na lama da primavera fria,

a afugentar vitelas do caminho; as mãos ásperas da minha mãe a enterrarem-se em bolinhas cor de cereja que se transformariam em sorgo; os guinchos de Michelle e de Debby aos pulos em cima de fardos de feno no celeiro. «Faz comichão!», queixava-se sempre Debby e depois desatava outra vez aos pulos. Nunca consigo entregar-me muito tempo a estes pensamentos. Rotulei as recordações como se fossem uma região particularmente perigosa: Lugar Escuro. Se me demorassem demasiado tempo numa imagem da minha mãe a tentar arranjar pela quinquagésima vez a maldita cafeteira ou de Michelle a dançar às voltas na sua camisa de noite de lã, com as meias puxadas até aos joelhos, a minha mente saltava para o Lugar Escuro. Borrões obsessivos de ruído vermelho-vivo a meio da noite. O machado rítmico e implacável a mover-se mecanicamente como se estivesse a cortar lenha. Tiros de caçadeira na pequena entrada. Os gritos de gaio-azul da minha mãe, ainda a tentar salvar as filhas, apesar de já não ter metade da cabeça.

*O que é que fará um assistente de administração?*, perguntei-me.

Estacionei diante da minha casa e pus o pé numa laje do passeio onde alguém riscara «Jimmy ama Tina» no cimento, há décadas. Às vezes, eu tinha vislumbres do que acontecera ao casal: ele era um jogador de basebol de segunda divisão/ela era dona de casa em Pittsburgh, a braços com um cancro. Ele era um bombeiro divorciado/ela era uma advogada que se afogou ao largo da Costa do Golfo no ano passado. Ela era professora/ele morreu com vinte anos, fulminado por um aneurisma. Era um bom jogo mental, ainda que macabro. Tinha por hábito matar pelo menos um deles.

Levantei os olhos para a minha casa alugada e perguntei-me se o telhado não estaria torto. Se o telhado abatesse, eu não perderia grande coisa. Não possuía nada de valor, a não ser um gato muito velho chamado *Buck*, que me tolerava. Quando cheguei aos degraus encharcados e abaulados, o miado rancoroso de *Buck* chegou-me aos ouvidos e apercebi-me de que me tinha esquecido de lhe dar de comer nesse dia. Abri a porta e o gato vetusto avançou em direção a mim, lento e tolhido, como uma carriola com uma roda partida. A comida de gato tinha acabado — fazia parte da minha lista de coisas para fazer há uma semana —, por isso fui ao frigorífico, tirei



umas fatias de queijo suíço duro e dei-lhas. Depois, sentei-me para abrir os meus três envelopes, com os dedos a cheirarem a leite azedo. Fiquei-me pela primeira carta.

*Cara Libby Day,*

*Espero que esta carta lhe chegue às mãos, uma vez que, segundo parece, não tem um site na Internet. Li uma notícia sobre si e tenho seguido a sua história de perto, ao longo dos anos, e gostava muito de saber o que é feito de si. Costuma fazer apresentações públicas? Pertença a um grupo que está disposto a pagar-lhe quinhentos dólares só para que apareça numa sessão. Contacte-me, por favor, e dar-lhe-ei mais informações.*

*Os meus sinceros cumprimentos,*

*Lyle Wirth*

*P.S. Esta é uma proposta de trabalho séria.*

Uma sessão de *strip*? Um filme porno? Quando o livro saiu, com o seu capítulo de fotografias da Bebé Day Crescida, a que mais se destacava era uma de mim aos dezassete anos, com os seios bamboleantes a quererem rebentar pelas costuras de uma camisola de alças ordinária. Consequentemente, recebi várias propostas de revistas porno marginais, mas nenhuma delas oferecia dinheiro suficiente para que eu pensasse em aceitar. Mesmo hoje, quinhentos dólares não chegavam; se estes tipos queriam que me despisse, teriam de pagar mais. Mas talvez — *pensamento positivo, Bebé Day!* —, talvez fosse mesmo uma proposta séria, mais um daqueles grupos de pessoas enlutadas, a precisarem que eu aparecesse para terem um pretexto para falarem sobre si próprias. Quinhentos dólares por umas horas de empatia era uma troca exequível.

A carta era datilografada, à exceção de um número de telefone que fora escrito à mão no fundo da página, numa caligrafia firme. Liguei, na esperança de ir parar às mensagens de voz. Em vez disso, ouvi um silêncio cavernoso na linha, o ruído do auscultador a ser levantado, mas nenhuma voz respondeu. Senti-me constrangida, como se tivesse telefonado para uma pessoa a meio de uma festa da qual eu não devia ter conhecimento.

Passados três segundos, uma voz masculina disse:

— Estou?

— Boa tarde. Fala Lyle Wirth? — *Buck* roçou-se nas minhas pernas, ansioso para que eu lhe desse mais comida.

— Quem fala? — Por trás, o mesmo ruidoso nada. Como se ele estivesse no fundo de um poço.

— Fala Libby Day. Recebi uma carta sua.

— Ahhhhh, fogo! A sério? Libby Day. Hum, onde é que está? Está cá?

— Cá onde?

O homem — ou rapaz, parecia jovem — gritou qualquer coisa para alguém que estava atrás dele e que incluiu a frase: «Já tratei disso» e depois gemeu no meu ouvido.

— Está em Kansas City? Vive em Kansas City, certo? Libby?

Eu estava prestes a desligar, mas o tipo começou a gritar *está-ááá?* *Está-ááá?* ao telefone, como se eu fosse uma miúda maluca que estava distraída na aula, por isso disse-lhe que de facto vivia em Kansas City e perguntei o que queria. Ele soltou uma daquelas gargalhadas *hebeheb*, daquelas que querem dizer *não vai acreditar nisto, mas*.

— Bom, tal como eu disse, queria falar consigo sobre a hipótese de participar numa sessão. Eventualmente.

— Para fazer o quê?

— Bom, eu pertenço a um clube especial... há uma sessão especial do clube na próxima semana e...

— Que tipo de clube?

— Bom, é um clube diferente. É uma espécie de coisa clandestina...

Fiquei calada, ele que se desenvencilhasse. Passado o momento inicial de exibicionismo, senti-o ficar constrangido. Ótimo.

— Oh, bolas, não dá para explicar por telefone. Posso oferecer-lhe um café?

— É demasiado tarde para tomar café — respondi e, depois, percebi que provavelmente ele não estava a sugerir um café nessa noite, provavelmente queria dizer durante a semana e, em seguida, perguntei-me outra vez o que é que havia de fazer para ocupar as próximas quatro ou cinco horas.

— Uma cerveja? Um copo de vinho? — perguntou ele.

— Quando?

Pausa.

— Hoje?

Pausa.

— Pode ser.

Lyle Wirth parecia um assassino em série. O que significava que provavelmente não o era. Uma pessoa que andasse a esquarterjar prostitutas ou a comer foragidos tentaria parecer normal. Ele estava sentado a uma gordurosa mesa de cartas no meio do Tim-Clark's Grille, um antro húmido ao lado de uma feira da ladra. O Tim-Clark's ganhara fama pelos seus pratos no churrasco e começava agora a aburguesar-se, apresentando uma desconfortável mistura de velhos clientes grisalhos e rapazes de melena comprida e *skinny jeans*. Lyle não era nem uma coisa, nem outra: devia ter uns vinte e poucos anos, com um cabelo ondulado muito fininho, que tentava domar pondo demasiado gel nos sítios errados, de modo que metade era uma penugem baça e a outra metade, umas pontas espetadas e brilhantes. Usava óculos sem aros, um impermeável da *Members Only* e *jeans* muito justos, mas não com estilo como os *skinny*, pareciam simplesmente apertados. Tinha feições demasiado finas para que pudessem ser consideradas atraentes num homem. Os homens não devem ter lábios em forma de coração.

Olhou para mim quando me dirigi para ele. Não me reconheceu a princípio, estava só a tirar-me as medidas, a mim, a desconhecida. Quando já estava quase junto da mesa dele, fez-se luz: as sardas, a estrutura magra de passarinho, o nariz ligeiramente achatado, que se tornava ainda mais achatado quando alguém me fitava longamente.

— Libby! — começou, mas depois percebeu que era uma forma de tratamento demasiado íntima e acrescentou: — Day! — Levantando-se, puxou de uma cadeira de armar, pareceu arrependido do gesto cavalheiro e voltou a sentar-se. — Pintou o cabelo de louro.

— Pois pinte! — respondi. Detesto pessoas que começam uma conversa com constatações; o que é que esperam que uma pessoa faça perante isso? *Está mesmo calor hoje. Pois está.* Olhei à minha volta para pedir uma bebida. Uma empregada de minissaia e uma voluptuosa